

**Construção do conhecimento em turismo: um estudo preliminar com especialistas da área**  
*Construction of knowledge in tourism: a preliminary study with specialists in the field*

**Lúcia Oliveira da Silveira Santos**

Professora da Faculdade de Turismo e Hotelaria da Universidade Federal Fluminense - UFF, Niterói/RJ, Brasil  
E-mail: [luciasilveira@id.uff.br](mailto:luciasilveira@id.uff.br)

**Maria Stela Reis Crotti**

Doutora em Hospitalidade pela Universidade Anhembi Morumbi, São Paulo/SP, Brasil  
E-mail: [mcrotti3@gmail.com](mailto:mcrotti3@gmail.com)

*Artigo recebido em: 21-11-2021*  
*Artigo aprovado em: 18-11-2022*

## RESUMO

Este artigo pretende discutir o turismo como uma área de conhecimento, com bases que possam fundamentá-lo como uma teoria e uma ciência. Ele se propõe a examinar como a construção do conhecimento se deu através dos tempos e como, na atualidade, acadêmicos e profissionais da área entendem essa área de conhecimento. Embora o tema turismo tenha sido abordado por inúmeros autores por mais de um século, ainda perdura a questão sobre termos ou não uma teoria do turismo ou mesmo se o turismo constitui uma ciência. Por meio de entrevistas com especialistas, buscamos insumos para, mediante análise qualitativa, apresentar elementos para o estudo da episteme do turismo. Apesar de não se pretender conclusivo, este estudo demonstra que essa área de conhecimento em muito amadureceu e apresenta perspectivas de desenvolvimento promissoras. Apresentou-nos um acordo central de que a complementaridade de outras áreas das quais o turismo necessita é sua grande riqueza e seu maior benefício, pois este é um campo científico aberto, plural e em construção.

**Palavras-chave:** Turismo. Ciência. Teoria.

## ABSTRACT

This article intends to discuss tourism as an area of knowledge, with bases that can support it as a theory and a science. It proposes to relate how the construction of knowledge took place over time and how, nowadays, academics and professionals in this field understand this area of knowledge. Although the topic of tourism has been addressed by numerous authors for over a century, the question remains whether or not we have a theory of tourism or even whether tourism is a science. Interviewing experts, we sought inputs, through qualitative analysis, to present elements for the study of the epistem of tourism. Although not intended to be conclusive, this study demonstrates that this area of knowledge has improved and presented promising development prospects. A central agreement that the complementarity of other areas that tourism needs is its great wealth and its greatest benefits, as this is an open, plural and under construction scientific field.

**Keywords:** Tourism. Science. Theory

## 1. INTRODUÇÃO

Em que pese as abordagens acadêmicas sobre o turismo e sua história, seu conceito tem sido, através dos tempos, tratado de forma disciplinar, multidisciplinar e, recentemente, transdisciplinar ou até mesmo transversal.

A Organização Mundial do Turismo (OMT) tratou internacionalmente esse conceito, com intenção de garantir que pudéssemos nos dedicar a esse campo com um olhar único e, em 1993, concebeu o turismo com noção multidisciplinar, cujo objetivo foi conceituar o tema como uma perspectiva operacional estatística, considerando o tempo de permanência do viajante e propósito de sua viagem (Noguero, 2010).

Já em 2000, alguns conceitos dessa definição foram revisitados e reavaliados, principalmente em relação ao pilar caracterizado pelas estatísticas das viagens, trazendo de volta a discussão do contexto das viagens com atividades remuneradas.

O livro *Cuenta Satélite del Turismo: Referencias Metodológicas*, trouxe uma novidade para esse cenário, que alterou o enunciado dessa definição de 1993, principalmente em relação ao viajante que viaja por conta do exercício de uma atividade remunerada no local visitado, passando o enunciado a ser o que segue:

“As atividades que as pessoas realizam durante suas viagens e permanecem em locais diferentes do seu ambiente habitual, por um período consecutivo de tempo inferior a um ano, para lazer, negócios e outros motivos”(Noguero, 2010, p.4, tradução nossa).

Atualmente, a definição que a OMT apresenta em sua página de glossário representa a pluralidade de seu conceito e sua abrangência:

O Turismo é um fenômeno social, cultural e econômico que engloba o movimento de pessoas para países ou lugares fora de seu ambiente habitual para fins pessoais ou comerciais / profissionais. Essas pessoas são chamadas de visitantes (que podem ser turistas ou excursionistas; residentes ou não residentes) e o turismo tem relação com suas atividades, algumas das quais envolvendo gastos (Organização Mundial do Turismo [OMT], 2020, tradução nossa).

Para que essa definição da OMT fosse concebida para a atualidade, muitas foram as reflexões, teorias e conceitos apresentados para o turismo no decorrer das décadas em que o tema foi estudado.

Neste sentido, este estudo tem como objetivo apresentar como se deu a evolução das pesquisas científicas sobre o Turismo e sobre quais aspectos essa área de conhecimento desenvolveu teorias sólidas e se pode ser considerada uma ciência, na visão de especialistas. Interessava-nos compreender as visões de pesquisadores em turismo, com formações e experiências diversas que pudessem contribuir com nossa investigação. As questões que nos

inquietações permeiam a existência de uma teoria de turismo, quais os principais teóricos utilizados, a possibilidade de o turismo ser considerado uma ciência, e se os entrevistados entendem a necessidade de mudança de alguma prática para que o turismo seja considerado uma ciência. A partir dessas questões norteadoras, buscamos, com especialistas, elucidar nossas inquietações.

Para cumprir as etapas deste estudo, foram realizadas leituras de teóricos que embasaram a escolha do método de pesquisa, além de entrevistas com professores especialistas na temática do turismo. As etapas deste estudo serão detalhadas, posteriormente, na metodologia.

## 2. REFERENCIAL TEÓRICO

Ao longo dos anos, as ideias de viagens, turismo e turista foram sendo construídas, de acordo com os contextos em que foram se apresentando e que foram se refletindo no resultado da geração do conhecimento científico. Essa retroalimentação do mercado com a academia em relação à construção de conceitos e teorias é um movimento que se perpetua para o desenvolvimento do saber científico.

Dentre os teóricos que interpretam os dados e discutem as noções de viagem, viajante, turismo e turista, Figueiredo e Ruschmann (2010) destacam Urbain (2002), que propõe uma interpretação semiótica para esses e postula sobre o momento em que esses conceitos passam a ser antagônicos. Os autores também destacam que alguns estudos foram baseados em relatos desses atores viajantes e turistas, o que comprometeria a veracidade dos fatos e de suas interpretações, trazendo, por vezes, um olhar etnocêntrico e não verdadeiro.

A produção capitalista, no meio do século XIX, fez com que, através das relações de trabalho, o conceito de tempo produtivo e ocioso trouxesse conceitos relacionados a descanso e lazer, antes indefinidos na sociedade. O turismo passa então a ser entendido como o uso do tempo livre (Figueiredo & Ruschmann, 2010) e a expansão das viagens turísticas foi uma consequência constatada.

Para Maffesoli (2001), esse deslocamento constante, imprescindível e necessário na vida moderna, traz uma concepção de um certo nomadismo que incita, inclusive, um novo valor social. Para Figueiredo e Ruschmann (2010), a busca desse viajante é pela identidade, pela sua essência que se perdeu quando dos processos operacionais massificantes e homogêneos impostos pelos processos industriais.

Nesse sentido, ritos de agregação, sejam nas trocas, acomodações, ou mesmo nos momentos de familiarização entre culturas que se encontram no contexto de viagem, são importantes para a caracterização dos impactos causados por esse processo do turismo.

Destacamos que o turismo não nasceu de uma teoria ou um documento, mas da prática humana que levou indivíduos a se deslocarem para preencherem uma necessidade de preservação da identidade, e de se ocuparem com outras atividades que os tirassem da mesmice de suas rotinas sistemáticas. Dessa forma, as teorias do turismo passaram a retratar e compreender esse fenômeno mais do que construir conhecimento científico a respeito dele.

Após a Segunda Guerra Mundial, os estudos do Turismo apresentavam uma visão economicista, como os escritos por Thomas Cook (Hamilton, 2005), no entanto, ainda na década de 1940, os suíços Walter Hunziker e Kurt Krapf, (1942) trouxeram o fenômeno humano para a relação que se estabelece no turismo. A publicação de Hunziker e Krapf, Tratado de uma Teoria Geral do Turismo (1942), se tornou uma importante bibliografia básica sobre o turismo por sua visão econômica e sociológica do setor, inovadora para época (Panosso Netto, 2005).

O turismo, segundo essa corrente, foi tratado a partir de quatro aspectos: o turista, as relações entre os turistas e os autóctones, a estrutura e o funcionamento do sistema turístico, além dos impactos turísticos. O final do século XIX foi marcado por obras fundamentais que retratam principalmente estudos científicos de estatística no turismo, com autores como Guyer-Freuler (1895) e Rieger (1879). Nesse período, alguns congressos e encontros marcaram discussões importantes sobre o tema.

Neste início de século XX, autores como Gonzalo Anu (1908), que retratou o Turismo em Barcelona, e Josef Stradner (1905), com o estudo econômico do Turismo, que trouxe a primeira definição de turismo como atividade de luxo desenvolvida para o lazer, foram fundamentais para abordar as práticas de lazer e seus impactos, também corroborados por Kullmann (1900). Publicações de revistas científicas, como a “Arquivo para o Turismo” (1930 – 1935) e as obras de Belotti (1919) também trouxeram para o contexto dos temas estudos de sociologia e legislação turística, destacando a visão funcionalista de direito.

No mesmo período, Arcos Y Cuadra (1919) tratou o tema com uma visão bastante comercial enquanto Glücksmann (1917) postulou sobre a contabilidade hoteleira. Neste mesmo contexto, a Alemanha também teve destaque com publicações sobre o turismo como setor da economia, com Gustav Strohmfeld, em 1915 (Spicker, 1976), e Damm-Etienne (1910).

Já na década de 1930, autores como Glücksmann (1935) e Ogilvie (1933) teorizam sobre a importância do setor do turismo como área de lazer e modelo econômico, criando métodos estatísticos para medir o fluxo de turistas em um determinado país. Enquanto Calderó (1932) e Anguita (1926) relacionam o turismo ao desenvolvimento turístico da Espanha.

Neste momento, a visão revisionista, que tem como premissa analisar os estudos que são anteriores à II Grande Guerra, traz o turismo ligado ao romanticismo do século XIX, com uma visão ambiental e naturalista. Entre os autores que se destacam pela abordagem revisionista estão Nechar, Noguero e Gómez (2010), e Escalona (2004). Já o tema construtivismo teve em Bruner (1994) e Hollinshead (1993) seus criadores, que se inspiraram em teóricos como Schütz (1932) e Piaget (1950), para a elaboração de suas teorias.

No entanto, vertentes de estudo como o positivismo sempre estiveram presente nos estudos do turismo, tendo como centro da reflexão o conhecimento humano. A metodologia positivista analisa o turismo a partir da premissa que os avanços tecnológicos foram os grandes propulsores do nascimento do turismo contemporâneo, muito baseado nas estatísticas que foram alicerces para muitos teóricos, sem espaço para a sustentabilidade, olhar dos grupos minoritários, participação das comunidades estudadas, e mesmo aspectos de gênero e sociais.

Na construção constante do conhecimento, estudos que trazem em essência abordagens como a hermenêutica, a fenomenologia e a teoria crítica surgem com novas premissas e perspectivas, trazendo reflexão sobre o turismo como um fenômeno humano, a influência do olhar do investigador, a valorização dos aspectos epistemológicos, o que passou a compor essa evolução do conhecimento científico do turismo desde a década de 1970, quando os estudos do turismo começaram a se integrar. Segundo Leiper (1979), as abordagens técnica e econômica deram lugar a uma abordagem holística, para permitir um estudo interdisciplinar do setor.

Nas décadas seguintes, Jafari e Ritchie (1981) desenvolveram uma teoria do turismo voltada à academia e à interdisciplinaridade. Após, Sessa (1985) procurou sistematizar o turismo pelos aspectos culturais, econômicos, sociais e ambientais. Nos anos 1990, destaca-se o trabalho de Tribe (1997), para quem a epistemologia do turismo é relevante por validar o conhecimento produzido no setor, bem como delimitar o campo de estudo.

Obras como "Epistemología Del Turismo: Estudios Criticos" (Nechar, Panosso Netto, et. al., 2010), "The Critical Turns in Tourism Studies" (Ateljevic, Morgan, Pritchard. et. al., 2018) e Homo Viator (Marcel, 2010) foram fundamentais para a ampliação da geração do

conhecimento científico do Turismo, por apresentarem amplas abordagens críticas. Análises com bases filosóficas também passaram a fazer parte do olhar para o Turismo, como as de Tribe (2009) e de Panosso Netto (2005), que contribuíram para ampliar a visão sobre o tema.

A economia pode ter seu lugar nos estudos do turismo, mas a interdisciplinaridade com outras ciências sociais torna-se imprescindível ao dar lugar a uma diversidade maior de abordagens sem que nenhuma reivindique supremacia de ciência. Analisar as escolas epistemológicas do turismo não é uma tarefa simples, já que muitas foram as conceituações dos diversos autores e que, muitas vezes, tentaram desprover seu caráter científico. Essa foi a posição de Cooper, Fletcher, Gilbert & Wanhill (1993), quando afirmaram ser o turismo um domínio de estudo, sem nível de sustentação teórica, corroborado por Tribe (1997).

Para Tribe, há uma diferença entre o estudo do turismo e o que é o turismo em si. O turismo não se caracteriza como uma disciplina, pois o turismo não tem um objeto claro nem uma metodologia própria para o desenvolvimento do conhecimento. Ele é um campo de estudo – ou seja, ele é um tema estudado por outras disciplinas, com uma perspectiva *extradisciplinar*.

Pela perspectiva das ciências exatas, com estruturas lógicas e, muitas vezes, rígidas estabelecidas pelos patamares do classicismo científico, muito se questiona acerca do Turismo ser uma ciência. Para os autores dessa linha, tais como Panosso Netto (2005) e Leal (2011), o turismo não enseja todas as relações em si e depende de outras ciências para possibilitar as análises de seus contextos.

No entanto, Jafar Jafari (1994) sustentou que o turismo caminha para se tornar uma ciência, assim como as ciências sociais ou a antropologia. No entanto, o autor explica que essa não é uma mudança rápida e depende de um conjunto de fatores:

Na atualidade, tudo parece indicar que o turismo seguirá seu progresso exitoso, graças às novas fronteiras do conhecimento. Isso aumentará ainda mais o status do turismo nos círculos acadêmicos e na sociedade em geral. Sem dúvida, o sucesso do objetivo final (a cientificação do turismo) dependerá do apoio e do tipo de influência exercida pela comunidade acadêmica, instituições que concedem subsídios, entidades governamentais, organizações de viagens e a indústria turística propriamente dita (Jafari, 1994, p. 15, tradução nossa).

Em 2005, também Jafari afirmou que, através das plataformas Apologética, Precatória, Adaptativa e Cientificocêntrica, pode-se obter uma perspectiva mais ampla do olhar sobre o Turismo, contribuindo assim para a evolução da teoria neste campo (Jafari, 2005).

Considerando que as discussões sobre teoria do Turismo e Turismo como ciência ainda são parte de nossas reflexões, este estudo buscou trazer, através de entrevistas com especialistas brasileiros, um olhar atual sobre esse tema.

### 3. METODOLOGIA

Partimos das leituras dos teóricos supramencionados (como Jafari, 2005; Lozano & Nechar, 2006; Panosso Netto & Nechar, 2016; Tribe, 1997) a fim de estabelecer nosso método de pesquisa e optamos por entrevistas, para explicitar convergências, conflitos e contradições (Duarte, 2004).

Estabelecemos, pois, um roteiro semiestruturado para as entrevistas em profundidade, visando a estimular a fala de nossos participantes, permitindo maior liberdade conforme estabeleceram sua própria trajetória de pensamento.

Nossa amostra intencional foi constituída de nove professores em plena atividade em programas de pós-graduação da área de turismo, no Brasil, que já lecionaram disciplinas ligadas à epistemologia do turismo ou teoria geral de turismo. Convidamos os professores dos 10 programas de pós-graduação, filiados à Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Turismo - Anptur e recebemos confirmação de participação de docentes de 6 programas. O período planejado para as entrevistas foi de 15 de outubro de 2020 a 02 de março de 2021. As entrevistas foram realizadas de forma virtual e síncrona, totalizando 7 horas e 3 minutos de vídeos, gravadas com o consentimento de nossos entrevistados e transcritas na íntegra. Todos os participantes autorizaram a utilização de seu nome nesta pesquisa.

Reunimos categorias necessárias à nossa investigação: trajetória e formação, áreas de intersecção, paradigmas metodológicos e filosóficos, teóricos citados, campo científico e lacunas de produção. Algumas dessas não estavam previamente pensadas, mas as entrevistas nos conduziram a elas, uma vez que a pesquisa qualitativa é aberta e exige um exame para além das questões pré-concebidas (Veal, 2011). As perguntas norteadoras que compuseram o roteiro semiestruturado foram: existe uma teoria de turismo? Quais os principais teóricos utilizados? O turismo pode ser considerado uma ciência? É preciso mudar alguma prática?

Após a transcrição das entrevistas, foi realizada a categorização mecânica de palavras-chave: autores e campos de intersecção mencionados pelos entrevistados. Os dados foram codificados com uso do software Atlas.ti e agrupados em categorias gerais criadas pelas pesquisadoras. De maneira artesanal, criamos citações livres, realçando em cores os pontos da



transcrição relacionados às categorias indicadas e, em seguida, traçamos sua relação com os autores referência de epistemologia do turismo.

Apresentamos, a seguir, um quadro síntese do perfil dos entrevistados.

**Quadro 1** – Codificação e síntese sobre os participantes da pesquisa.

<b>Codificação dos participantes</b>	<b>Nome</b>	<b>Área de Graduação</b>	<b>Área de Mestrado</b>	<b>Área de Doutorado</b>	<b>Vínculo atual</b>
Bastos	Sênia Regina Bastos	História	História	História	Programa de Pós-graduação em Hospitalidade (UAM)
Camargo	Luiz Octávio de Lima Camargo	Comunicação – Jornalismo	Educação	Educação	Programa de Pós-graduação em Turismo (USP)
Cheibub	Bernardo Lazary Cheibub	Turismo	Lazer	História política	Programa de Pós-graduação em Turismo (UFF)
Gastal	Susana de Araújo Gastal	Comunicação	Artes Visuais	Comunicação	Programa de Pós-graduação em Turismo e Hospitalidade (UCS)
Guimarães	Valéria Lima Guimarães	História e Turismo	História	História comparada	Programa de Pós-graduação em Turismo (UFF)
Leal	Sérgio Rodrigues Leal	Turismo	Turismo	Turismo	Programa de Pós-graduação em Hotelaria e Turismo (UFPE)
Vieira	Lício Valério Lima Vieira	Geografia	Desenvolvimento e Meio Ambiente	Geografia	Programa de Pós-graduação de Mestrado Profissional em Turismo (IFS)
Trigo	Luiz Gonzaga Godoi Trigo	Turismo e Filosofia	Filosofia	Educação	Programa de Pós-graduação em Turismo (USP)
Wada	Elizabeth Kyoko Wada	Comunicação Social e Turismo	Comunicação	Comunicação	Programa de Pós-graduação em Hospitalidade (UAM)

**Fonte** – Elaborado pelos autores, com base nas entrevistas.

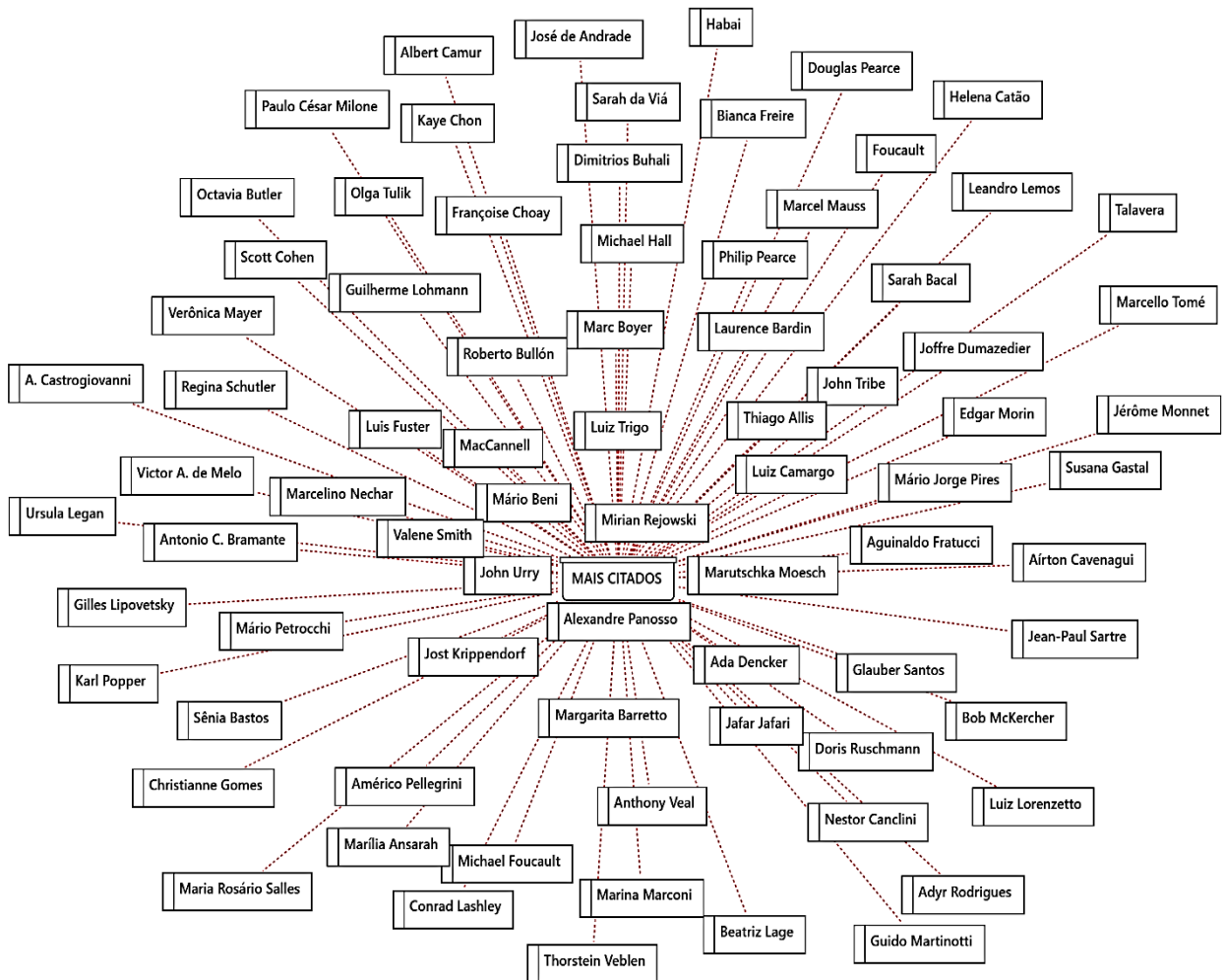
As diferentes formações dos entrevistados trazem discursos plurais e, algumas vezes, até antagônicos sobre o que entendem sobre turismo, seus principais teóricos de influência e sua visão de ciência, que ajudaram a enriquecer esse trabalho.

#### 4. ANÁLISE E DISCUSSÃO

Uma das primeiras provocações que fizemos nas entrevistas foi com relação aos autores de turismo, que foram citados não apenas quando indagamos “quais os principais teóricos de referência na área”, mas também ao longo da formação de nossos participantes,

bem como em outros momentos das entrevistas. Estes autores foram agrupados, gerando uma tabela com o número de citações. Em seguida, foi organizada uma imagem representativa dessa rede, apresentada a seguir:

**Figura 2** – Rede de teóricos citados pelos participantes



Fonte – Elaborado pelos autores.

Os participantes citaram 78 autores diferentes nas entrevistas. Optamos por contar cada vez que um autor fosse citado nas transcrições, para demonstrarmos sua importância na fundamentação das pesquisas desenvolvidas por nossos entrevistados. Quanto mais ao centro da figura 2, maior a quantidade de citações. Houve forte influência de autores nacionais nas citações, embora os entrevistados tenham contato também com autores estrangeiros. A diversidade de nomes apresentados, no entanto, nos faz acreditar que poderíamos chegar a centenas de nomes com poucas entrevistas. 51 desses autores foram citados apenas por um

entrevistado, demonstrando que as influências são diversas e que há um rol bastante extenso de autores que possuem interface com o turismo. Quase a totalidade desses autores é contemporânea, mostrando que, para nossos entrevistados, o estudo do turismo tem bases recentes.

Autores do campo do turismo, anteriores à Segunda Guerra Mundial, não foram citados. No entanto, lembramos que para Panosso Netto (2005), parte do que é estudado contemporaneamente pelo turismo, tem suas bases pré Segunda Guerra. Porém, conforme reflexão feita por Graham Dann (2011), parte disso deve-se a uma hegemonia anglófona de autores que acabam por conhecer majoritariamente estudos em inglês. No caso de nossos entrevistados, há predominância de menções a autores que escrevem em inglês e português

Vale ressaltar, no entanto, que nem todos os autores foram citados como sendo os mais adequados para o estudo contemporâneo do turismo. Para Cheibub, alguns desses autores foram importantes em outro momento, mas já não são tão representativos: “assim, são livros antigos, mas na graduação, na época, eram livros relevantes. Hoje, eu acho que são outros os autores que constroem a base de uma teoria do turismo. Como eu falei, esses autores são defasados. Já eram. Já eram, não, ficaram pra trás” (Cheibub, 2020). Na mesma lógica, Trigo (2021) afirmou que “Como eu fiz Turismo e Filosofia e como mudou tudo ao longo desse tempo... são quatro décadas, então, os autores que usei na época, hoje não têm mais cabimento”.

Também sobre a rede de autores, Wada critica a forma de indexação de revistas nacionais, parcialmente pela questão limitante de publicações em português e, também, os rankings de citações, embora considere positivo o número de publicações em ascensão na área:

Aquele que é conhecido fica cada vez mais conhecido e quem está começando tem que se virar para ter redes de pesquisa, para produzir com pessoas que já tenham uma condição mais sênior no âmbito desse ambiente acadêmico até que possa fazer seu voo solo... A produção melhorou bastante por um lado, do ponto de vista da oferta. Eu acho que tem muito mais gente falando sobre turismo hoje em dia ... Para o bem ou para o mal, a quantidade aumentou. Isso já é legal. Acho que, num primeiro momento, não dá pra ser seletivo. A vida é muito assim: primeiro, massificar a produção científica e aí naturalmente, os próprios pesquisadores e os leitores farão o seu julgamento. (Wada, 2020).

Cheibub também pondera que um hábito negativo na academia é a endogenia, em que os “mesmos autores circulam, se leem, se citam, é uma crítica que eu tenho na área do turismo” (2020). Guimarães (2020) também critica a pouca reflexão na construção de conhecimento. Ela indica que se ressentida de uma liberdade mais criativa para temas, abordagens e ideias novas que sofrem resistência nas publicações de turismo.

Já Camargo (2021), sugere que há necessidade de maior intercâmbio entre autores nacionais e estrangeiros. Corroborando este pensamento, Trigo (2021) afirma:

Da mesma maneira, que quem quiser entender melhor o que está acontecendo em boa parte do mundo, tem que começar a ler o pessoal da Hong Kong Polytechnic University, que é quem mais está produzindo lá na Ásia e a China está a frente disso. ... Porque o crescimento do turismo, hoje, se faz nos países asiáticos e muçulmanos, as petromonarquias. E que autores muçulmanos a gente tem turismo? Não conheço nenhum, mas certamente tem. Porque eles têm projetos incríveis no Qatar, nos Emirados, na Arábia Saudita! O turismo religioso é imenso lá, que é islâmico. Então, hoje, eu vejo que para entender o turismo a gente precisa ampliar (Trigo, 2021).

Ainda, todos os nossos entrevistados indicaram que a literatura por eles utilizada para o fenômeno turístico não é exclusiva ao turismo. Bastos, que trabalha a vertente do patrimônio turístico, aponta a necessidade de buscar literatura complementar: “Me aproximei muito dos espanhóis, então é muito da antropologia do Turismo (porque eu estou pensando na perspectiva cultural). Como o turismo é interdisciplinar, me cerquei de outros autores destas áreas para discutir do ponto de vista cultural” (Bastos, 2020).

Como postulam Farias e Sonaglio (2013), a interdisciplinaridade está relacionada a um modelo pedagógico marcadamente de relações recíprocas que produzem um enriquecimento mútuo das áreas abordadas, muito presente nos cursos de Turismo, que incorporam aspectos comerciais e não comerciais do turismo, assim como tratado por Tribe (1997) em seu esquema multidisciplinar, que retrata o conhecimento em turismo.

Para Guimarães, que leciona uma disciplina específica sobre epistemologia do turismo, também é necessário buscar autores de fora da área, que auxiliem na compreensão do fenômeno turístico:

E aí a gente trabalha numa linha transdisciplinar, na verdade interdisciplinar, procurando em outros saberes acadêmicos destaques que possam auxiliar na compreensão de uma teoria do turismo, em diálogo.... A gente recorre a teoria da complexidade com Edgar Morin, eu particularmente uso Foucault muito nas minhas pesquisas, para pensar relações de poder. Já estou até indo além do que você perguntou, mas eu estou pegando autores teóricos que nos emprestam ideias e criticidade para olhar o turismo (Guimarães, 2020).

Acreditamos que parte dessa pluralidade se deva também à diversidade de correntes metodológicas empregadas nas pesquisas realizadas por nossos participantes. Ainda que essa não fosse uma categoria inicial de análise, notamos, por similitude dos discursos, que diversos paradigmas metodológicos e filosóficos foram citados nas entrevistas, tais como hermenêutica, fenomenologia, pós-positivismo, teoria crítica, marxismo, semiótica e estruturalismo. Pudemos perceber que os participantes entendem ser possível pesquisar o turismo por uma ampla rede de escolas epistemológicas.

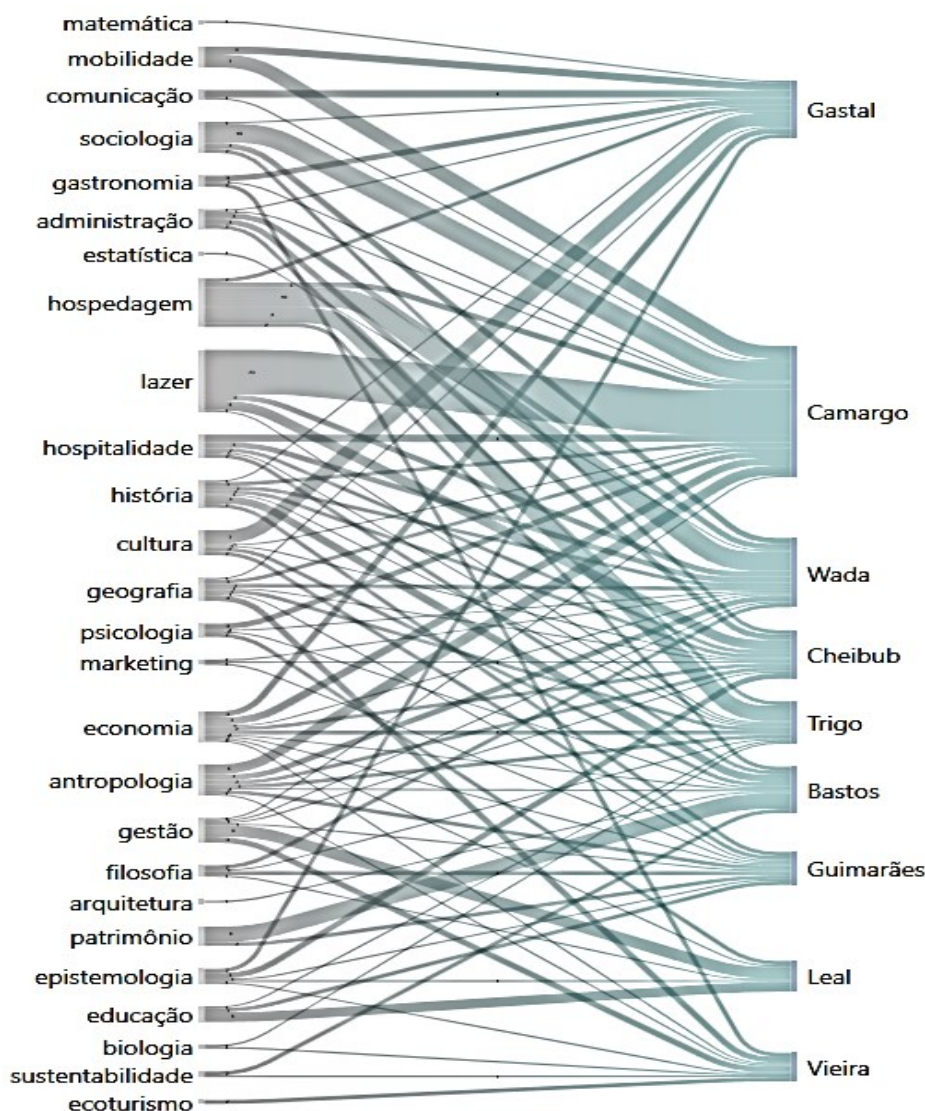
Conforme Panosso Netto e Nechar (2016), existiam, basicamente, duas tendências da epistemologia do século XX: a analítica e a histórica. “A tendência analítica da epistemologia tem como princípio a filosofia empirista e positivista, que afirma que o conhecimento só é possível se partir da experiência com o que é imediatamente dado” (Panosso Netto & Nechar, 2016, p.30).

Sobre a tendência histórica, os autores informam que esta incorporou reflexões sobre pontos não analisados anteriormente, como os elementos históricos. Há outras escolas epistemológicas utilizadas no turismo, atualmente: positivismo, sistemismo, marxismo, fenomenologia, hermenêutica e teoria crítica (Panosso Netto & Nechar, 2016). Várias dessas escolas foram citadas pelos especialistas entrevistados, demonstrando pluralidade de modelos pelos quais o turismo pode transitar.

Esse assunto fez ressaltar que todos os participantes consideram o turismo como trans, inter ou multidisciplinar. Assim, nossos entrevistados concordam com Beni e Moesch (2015), cujo entendimento é de que a visão multidisciplinar ou pluridisciplinar é uma consequência dos estudos de turismo, com justaposição de uma gama de disciplinas; assim como também indicam outros autores (Leiper, 2000; Nechar e Cortés, 2006; Noguero, 2010)

Conforme seus discursos faziam referência a um determinado campo de interseção com o turismo, essas interfaces foram mecanicamente marcadas como categoria. Desta forma, foi possível organizar um diagrama de Sankey, que relaciona as variáveis a uma fonte, neste caso, nossos participantes:

Figura 3 – Diagrama de Sankey relacionando os participantes da pesquisa às áreas de intersecção.



Fonte – Elaborado pelos autores.

Na figura 3, as linhas engrossam conforme o número de citações feitas àquele tópico por cada entrevistado e se entrelaçam, mostrando como todos compreendem o turismo como fenômeno a ser estudado por múltiplas abordagens. Foram citadas 25 áreas distintas pelos entrevistados, reforçando o pensamento de diversos teóricos ao longo da história, (tais como Hunziker, 1961; Tribe, 1997 e Jafari, 2005), que já identificavam que o turismo deve ser estudado pelas mais diferentes disciplinas científicas.

Assim, nossos entrevistados foram categóricos ao afirmar que o turismo não deve ser estudado unicamente pelo viés econômico.

Eu acho que olhando, tanto pra dentro quanto pra fora dos estudos acadêmicos em turismo, a gente vê o crescimento hoje de estudos que vão além desta questão econômica, financeira, monetarista, que enxerga o turismo como resultado

comercial. Vindo a partir, principalmente, da contribuição dos autores de outras áreas, inclusive nos programas de pós-graduação. (Guimarães, 2020).

“Olha eu acho que é essencial [estudar os aspectos não comerciais do turismo] porque é a única forma de você entender um fenômeno, o fenômeno do Turismo, como mudança de paisagem, de ritmo e de estilo de vida.”(Camargo, 2021)

Então, a gente acaba encontrando muito material nas diversas facetas da administração, em que você tenha o turismo ou alguma coisa do turismo meramente como objeto e eles tentam fazer uma análise que eu fico um pouco apreensiva. Eu acho que, de lado a lado, há uma combinação interessante que pode ser feita, mas às vezes chega a ser um pouco desrespeitoso você tratar o turismo como se fosse um objeto de estudo. “Podia estar estudando uma loja no varejo, mas estou estudando o turismo no Brasil”. Ah! Não! Pode parar! O que é isso? Não é a mesma coisa, não. E é comum (Wada, 2020).

Para Trigo e Vieira, no entanto, há um preconceito da universidade em relação ao mercado: “é importante que a gente produza para o mercado e para a sociedade. Eu vejo que as duas coisas são importantes, mas os estudos mercadológicos são fundamentais” (Trigo, 2021). Vieira aponta:

Eu fico preocupado porque a gente tem um receio muito grande do mercado, de se aproximar da rede hoteleira, das agências de turismo, medo de se aproximar dos pequenos empreendedores por exemplo. ... Eu já provoquei várias reuniões com prefeituras, com representantes da rede hoteleira, com representantes de agências de turismo, de agentes comunitários, porque é lá que esses meninos vão atuar e se a gente não se aproximar, não entender, corre o risco de ficar numa formação apenas teórica, desvinculada da realidade profissional (Vieira, 2021).

Já Gastal (2021), chama atenção para o fato de que, ainda que a academia se interesse por pesquisas mercadológicas, o empresário do turismo, especialmente o grande empresário, não procura a universidade para negociar parcerias, nem valoriza o aluno qualificado.

Leal (2021) ressalta que, no exterior, há uma maior aproximação entre mercado e academia,

Os problemas que realmente estão no mercado e precisam de soluções, são problemas resolvidos muitas vezes pela academia. E aqui, no Brasil, a gente vê pouco isso acontecer, a gente vê muito mais as pesquisas que são feitas não por conta de uma questão real, lá no mercado, mas sim pelo interesse do pesquisador, de um estudante, ou então algum edital que é aberto com um tema específico. ... Então é muito bom resolver uma questão que o mercado trouxe, mas às vezes uma questão teórica, por exemplo, filosófica, que é importante, acaba não sendo abordada porque, entre aspas, não tem relevância para o mercado. Na verdade tem, mas de uma forma indireta, que as pessoas às vezes não percebem. É difícil a gente saber qual é o melhor caminho: é pesquisa pura pela pesquisa, é pesquisa aplicada para o mercado? Talvez nem um nem outro, mas uma junção dos dois, um equilíbrio entre

os dois e que a gente possa na verdade ter essa aproximação com o mercado, para entender como a academia pode contribuir mais do que ela vem contribuindo (Leal, 2021).

Kodooi, Latysheva e Radinova (2015) chamam a atenção para a importância de a formação dos profissionais do turismo estar baseada em uma abordagem por competência, que proporcione uma interação entre a teoria, garantida pela academia e o treinamento orientado pela prática, típico ambiente do mercado de trabalho. Para os autores, esse deve ser um contínuo integrado processo educacional. Essa relação prática e teórica é caracteristicamente importante para a retroalimentação dos dois setores, educacional e mercadológico, buscando sempre o desenvolvimento do setor estudado. Outro aspecto abordado por Kodooi, Latysheva e Radinova (2015), se dá na construção de uma estrutura e conteúdo educacionais que estão de acordo com as competências profissionais e culturais do profissional do turismo que está sendo formado.

Neste ponto, induzimos os participantes a se posicionarem sobre o status de ciência em turismo. Guimarães comenta que depende da visão de ciência que se tem, seja com teorias, conceitos, métodos e um conjunto de procedimentos desenvolvidos ou não:

Para mim, o turismo pode ser visto como uma disciplina, um saber em construção que se aproxime em algum momento desse estatuto de cientificidade. Mas não exatamente aquele tradicional, fechado, onde as ciências tinham tanta independência umas das outras e não conversavam, não falavam, não trocavam (Guimarães, 2020).

Panosso Netto e Nechar (2016) também questionam a necessidade de especificar melhor o tipo de irrupção epistemológica na própria constituição da "cientificidade". Os autores se perguntam se existe uma teoria do turismo e se ele pode ser considerado ciência, dado o rigor, a exatidão que se busca nas leis científicas, ou se pode ser uma ciência aberta, inacabada, com espaço para aventurar-se, pergunta que também fizemos aos nossos especialistas entrevistados.

Para Cheibub, o turismo é um campo de estudos e não uma ciência, por depender muito de outras áreas científicas para poder se desenvolver:

O turismo não é uma área científica, mas faz parte obviamente da ciência. O campo de estudos turísticos obviamente está inserido na ciência e na produção científica. O turismo é ciência ou não? Acho que é uma pergunta reduzida, ele não é uma área científica, mas o fenômeno é muito relevante e pesquisado há muito tempo, gera boas coisas sim pra ciência (Cheibub, 2020).

Wada também corrobora com esse pensamento, quando afirma:

Eu costumo dizer que se nós tivermos um olhar para o turismo enquanto fenômeno, ele propriamente não para em pé sozinho. Ou seja, o turismo depende de outras questões e tudo o que dependa de outras questões acho muito difícil ter um corpo teórico próprio, sem o suporte de outras áreas de conhecimento. Até hoje não tenho certeza se realmente temos uma teoria do turismo. Eu acho que nós temos teorias que suportam o olhar para o turismo, não necessariamente a teoria do turismo. ...



Não sei se queremos ter essa teoria do turismo. Eu não sei se não é mais rico continuarmos a nos nutrir genuinamente de diversas áreas de conhecimento. Áreas, essas, que podem ser combinadas de acordo com o estudo que a gente queira fazer (Wada, 2020).

Ambos corroboram com Boullón (2002), para quem nenhum pesquisador do turismo alcançou a sistematização necessária para dar ao turismo o status de ciência.

Para Bastos, no entanto, turismo é considerado ciência na academia, mas não fora dela. “Fora dela é uma questão de serviço, econômica, eminentemente isso. Na academia, é pensada como uma ciência porque tem um método, porque tem teorias, porque tenho uma preocupação com a produção do conhecimento” (Bastos, 2020).

Camargo, Leal e Vieira, também discordam de que turismo possa ser considerada uma ciência, atualmente, mas ambos entendem que é possível pensar o turismo como uma ciência em construção.

Eu acho que no dia que os estudos da mobilidade estiverem bem avançados (seria possível). Porque o que define uma ciência não é a vontade da pessoa, não é o objeto, o que define uma ciência é método. E no dia que o turismo tiver um método específico para pesquisar a população, ele vira ciência, mas por enquanto não tem. (Camargo, 2021)

Essa pergunta que não é fácil de se responder, é difícil. É difícil dizer que é uma ciência. Eu hoje não diria que é uma ciência. Eu acho que existe possibilidade de um dia vir a ser uma ciência. Eu acho que o que a gente tem hoje é uma abordagem científica do Turismo, isso a gente tem, não tem dúvida. Mas uma ciência que tenha conceitos próprios, métodos próprios, não consigo ver ainda isso. Pode ser que a coisa continue se desenvolvendo e a gente venha a ter. (Leal, 2021)

Eu digo que o turismo é uma ciência em construção, é um conjunto de conhecimento, porque a gente não pode negar os mais de trinta anos de produção do conhecimento científico em turismo. Ah, mas as outras ciências são centenárias, milenares: sim! Mas a gente já pegou muita coisa pronta, a gente já pegou muita discussão em torno das outras ciências, a gente não precisa voltar ao passado ... eu defendo que o turismo é uma ciência em desenvolvimento ou em evolução. Tem gente que já começa assim “turismo não é ciência”, “turismo é uma atividade econômica”, também é uma atividade econômica, mas o mundo teórico da reflexão se apropria dessa atividade econômica para fazer suas reflexões. Então, eu entendo que a academia é quem produz essa cientificidade do Turismo (Vieira, 2021)

Seguindo o raciocínio de Vieira, supracitado, de que a ideia de ciência vem evoluindo, Gastal nos traz um contraponto interessante. Nossa entrevistada entende que os que dizem que turismo não é ciência prestam um desserviço àqueles que estudam esse fenômeno:

Quem diz que não é ciência, está na contramão. Se nós temos o mestrado, se nós temos o doutorado, é uma obviedade que é uma área de conhecimento. E se eu nego isso, eu nego toda essa estrutura acadêmica. ... O que é que nós temos? Uma mudança de paradigma no conceito de ciência. Nós não estamos mais no momento cartesiano, em que as áreas, a geografia, a história, a matemática, eram áreas consolidadas e independentes entre si. O conceito de ciência avançou. ... Mas quero deixar bem claro que, para mim, turismo é uma área de conhecimento sim, não conhecimento como se via, um conhecimento cartesiano da metade do século XX, é

uma estrutura de conhecimento de complexidade, de um mundo que é complexo.  
(Gastal, 2021)

Todas estas reflexões de nossos participantes reforçam as ideias de Ada Dencker, pesquisadora da epistemologia do turismo. Para a autora o turismo ainda “não constitui um corpo de conhecimento independente, com dinâmica própria, mas está sujeito à influência de diferentes paradigmas” (1998, p. 28). Trigo (2021), no entanto, considera essa discussão desnecessária.

Eu acho bobagem! Medicina não é uma ciência, é especialidade; engenharia não é ciência, é especialidade. Acho bobagem, acho perda de tempo discutirmos. O turismo é uma especialidade e se vale de outras ciências. A medicina é uma especialidade e se vale da química, bioquímica, da biologia, da estatística, da epidemiologia. ... E o turismo se vale da história, da geografia, da biologia, da antropologia. Agora, dá para fazer, dá para ter metodologia científica no turismo? Claro que dá! O quantitativo ou qualitativo você escolhe. Agora mesmo, eu não vejo assim, não preciso ficar provando que turismo epistemologicamente é uma ciência, bobagem! Não preciso. Sendo uma especialidade da ciência, resolve. Querer transformar o turismo em ciência é um preciosismo inútil.

Wada também indica que o fato de turismo ser ou não ciência não é exatamente relevante para pessoas de fora da academia: “Para a aplicação do turismo, para os negócios do turismo, isso não faz nenhuma diferença. Absolutamente nenhuma diferença. Isso pode satisfazer a gente como pensador, como pesquisador e tal. Para o mercado, se é ciência ou se não é ciência, não é a preocupação”. (Wada, 2020)

Nenhum de nossos entrevistados parece, de fato, preocupado com o status de ciência ou não do turismo, embora haja comentários no sentido de perceberem a área menosprezada por outras ciências, algo que parece não ter mudado muito ao longo do tempo. Panosso Netto e Trigo destacaram, em sua obra *Cenários do turismo brasileiro*:

O fato de o turismo não ser aceito como uma ciência não é problema. Ao lermos os vários autores mundiais que tratam da produção do conhecimento em turismo, percebemos que há três grupos com opiniões distintas sobre esse tema. Há um grupo otimista que acredita que, pela produção científica existente, o turismo já pode ser considerado uma ciência. Existe um segundo grupo, também otimista, porém mais cauteloso em suas afirmações, que acredita que o turismo está a caminho de se tornar uma ciência, mas que, para isso acontecer, a pesquisa na área deve ser intensificada, com o objeto abordado e o método de pesquisa utilizado mais bem definidos. E há o terceiro grupo de pesquisadores, que percebem o turismo como uma atividade humana que é estudada pelas mais diversas disciplinas científicas e que não é e nunca será uma ciência (Panosso Netto & Trigo, 2009, p. 159).

Assim, nossa pesquisa mostra que a visão de nossos entrevistados também se alinha com os achados de Panosso Netto e Trigo (2009).

Embora não seja foco dessa pesquisa, ao contrapor o Quadro 1 e a Figura 3, notamos que os entrevistados tendem a focar boa parte dos estudos em suas áreas de formação. Assim, a título de exemplo, nossos entrevistados Cheibub e Camargo mencionam mais vezes a

temática de lazer que configura sua formação, enquanto Bastos e Guimarães fazem mais referências à relação do turismo com o patrimônio, uma vez que são historiadoras.

Diante de todos os contextos apresentados pelos participantes, nossa intenção não é, sobremaneira, colocar um ponto final nas várias perguntas que nortearam esse estudo, mas contribuir com sua compreensão e avanços, não podendo, portanto, pressupor que esse estudo seria por obviedade conclusivo.

No entanto, compreendemos que foi possível, por meio deste, elucidar um caminho para o estudo da episteme do turismo, traçando uma linha de diálogo com autores que demonstram um amadurecimento da área de estudos turísticos no Brasil.

## 5. CONCLUSÕES

Estabelecer se o turismo é ou não ciência, nos parece nunca ter sido o ponto nevrálgico deste estudo, mas compreender se isso é uma questão relevante apenas para academicistas, o que, depois dos diálogos com nossos participantes, que generosamente nos concederam as entrevistas deste estudo, acreditamos que não.

Ainda que estejamos inseridos em uma área altamente produtiva e da qual, não temos dúvida, se pode trabalhar com as mais diversas vertentes filosóficas e que possui uma alta área de intersecção, nos parece também prematuro afirmar que o turismo tenha já seus modelos, leis e teorias plenamente estruturados.

Parece-nos, inclusive, positivo que assim seja, devido à diversidade de autores que nos emprestam teorias de outras áreas para que possamos pensar o turismo da maneira complexa com que ele merece ser tratado.

Apresentou-nos um acordo central de que a complementaridade de outras áreas das quais o turismo necessita é sua grande riqueza e seu maior benefício, pois este é um campo científico aberto, plural e em construção.

Destacamos, no entanto, que este estudo pode e deve ser aprofundado por estas ou outras pesquisadoras, buscando novas fontes entre outros pesquisadores experientes do turismo, pretensamente os estrangeiros, para somar autores e fatos que possam corroborar esse entendimento.

Ainda, compreendemos que novos pesquisadores precisam abarcar a pesquisa epistemológica do turismo, área que precisa de abordagens críticas e de novos paradigmas. Se o turismo, tal qual o entendemos hoje, originou-se pela curiosidade do homem, há que se ter

curiosidade também de entendê-lo para além da figura do turista, mas como campo de conhecimento e não somente como um setor da economia.

## REFERÊNCIAS

- Anguita, J. H. (1926). Estudio del turismo y proyecto para su desarrollo en España mediante la creación de un Consejo Nacional y constitución de la Compañía Hispano-Americana de Turismo. *Requesens*.
- Anu, G. (1908). *Barcelona cosmopolita*. Tasso.
- Arcos Y Cuadra, C. (1919). De las grandes ventajas económicas que produciría el desarrollo del turismo en España.
- Ateljević, I., Pritchard, A., Morgan, N., Čaušević, S., & Minnaert, L. (2018). Critical Turns in Tourism Studies. *The SAGE Handbook of Tourism Management: Applications of Theories And Concepts to Tourism*, 12.
- Bastos, S. R. (2020). Entrevista concedida às autoras, em 30 de outubro de 2020.
- Belotti, B. (1919). Il diritto turistico: nella legge, nella dottrina e nella giurisprudenza. Touring club italiano.
- Boullón, R. C. (2002) Planejamento do espaço turístico. Bauru: EDUSC
- Bruner, E. M. (1994). Abraham Lincoln as authentic reproduction: A critique of postmodernism. *American anthropologist*, 96(2), 397-415.
- Calderó, X. (1932). El Problema del turismo. *Emporivm*.
- Camargo, L. O. L. (2021) Entrevista concedida às autoras, em 02 de fevereiro de 2021.
- Cheibub, B. L. Entrevista concedida às autoras, em 3 de novembro de 2020.
- Cooper, C., Fletcher, J., Gilbert, D., & Wanhill, S. (1993). *Tourism Principles and Practice*. England: Longman.
- Dann, G. M. S. (2011). Anglophone hegemony in tourism studies today. Enlightening tourism. *A pathmaking Journal*, 1(1), 1-30. <https://doi.org/10.33776/et.v1i1.1017>
- Damm-Etienne, P. (1910). Das hotelwesen (Vol. 331). *Teubner*.
- Dencker, A. (1998). Métodos e técnicas de pesquisa em turismo. São Paulo: Aleph.
- Duarte, R. (2004). Entrevistas em pesquisas qualitativas. *Educar Em Revista*, 24, 213–225. <https://doi.org/10.1590/0104-4060.357>
- Escalona, F. M. (2004). La economía y el marketing ante el turismo. *Contribuciones a la economía*.

- Farias, M. F. D., & Sonaglio, K. E. (2013). Inter, multi e transdisciplinaridade no turismo: questões sobre o processo de ensino-aprendizagem nos cursos de turismo do Brasil.
- Figueiredo, S. L., & Ruschmann, D. V. M. (2010). Estudo genealógico das viagens, dos viajantes e dos turistas. *Novos cadernos NAEA*, 7(1).
- Gastal, S. A. (2021) Entrevista concedida às autoras, em 1º de março de 2021.
- Guimarães, V. L. (2020) Entrevista concedida às autoras, em 27 de outubro de 2020.
- Glücksman, R. (1917). *Privatwirtschaftslehre des Hotelgewerbes*. Haude & Spener Schen Buchhandlung Max Paschke.
- Glücksman, R. (1935). *Fremdenverkehrskunde*. Stämpfli
- Guyer-Freuler, E. (1895). *Beiträge zu einer Statistik des Fremdenverkehrs in der Schweiz: Hg. auf Wunsch und Veranlassung der Offiziellen Verkehrskommission Zürich*. Orell Füssli.
- Hamilton, J. (2005). *Thomas Cook: the holiday maker*. The History Press.
- Hollinshead, K. (1993). *The Truth About Texas: A Naturalistic Study of the Construction of Heritage* (Dissertation). Texas a&M University.
- Hunziker, W. (1961). Die menschlichen Beziehungen in der touristischen Entwicklungshilfe. *Revue de Tourisme*, n. 3, 90.
- Hunziker, W., & Krapf, K. (1942). *Fundamentos de la teoría general del turismo*. Universidad de Berna, Suiza.
- Jafari, J. La cientifización del turismo. *Estudios y Perspectivas en Turismo*, Buenos Aires: Ciet, vol. 3, n. 1, jan. 1994.
- Jafari, J. (2005). El turismo como disciplina científica. *Política y Sociedad*, 42(1), 39-56–56. <https://doi.org/10.5209/POSO.24139>
- Jafari, J; Ritchie, J. R. B. (1981). Toward a framework for tourism education – Problems and prospects. *Annals of Tourism Research*, 8(1), 13-34.
- Kolodii, N. A., Latysheva, E. V., & Rodionova, E. V. (2015). The integrative-modular approach in design of modern educational standards in the tourism sector. *Procedia-Social and Behavioral Sciences*, 166, 364-368.
- Kullmann, I. H. K. (1900). *Die Förderung edler Volkserholung durch Staat, Kirche und Schule, die beste Waffe gegen die wachsende Vergnügungssucht: Ein Vortrag gehalten auf der am 25. Oktober 1899 zu Angersbach tagenden Synode des evangelischen Dekants Lautersbach*. Walter de Gruyter GmbH & Co KG.
- Lage, B. H., & Milone, P. C. (2000). Turismo: uma carreira recente. In *Turismo: teoria e prática*. São Paulo: Atlas.
- Leal, S. R. (2011). Relato do I Seminário Internacional de Estudos Críticos em Turismo, Natal/RN (Brasil). *Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo*. v.5, n.1, pp.126-130, abr.

- Leal, S. R. (2021) Entrevista concedida às autoras, em 27 de janeiro de 2021.
- Leiper, N. (1979). The framework of tourism: Towards a definition of tourism, tourist, and the tourist industry. *Annals of Tourism Research.*, 6 (4), 390-407.
- Leiper, N. (2000). An emerging discipline. *Annals of Tourism Research.* v. 27, Issue 3, July 2000, Pages 805-809. DOI: 10.1016/S0160-7383(99)00118-8.
- Maffesoli, M. (2001). Sobre o nomadismo. Editora Record.
- Marcel, G. (2010). *Homo Viator: Introduction to the Metaphysic of Hope*, updated ed. Sto Agostine Press.
- Moesch, M. M.; Beni, M. C. (2015). Do discurso sobre a ciência do turismo para a ciência do turismo. Anais. São Paulo: ANPTUR. Recuperado de: <https://www.anptur.org.br/anais/anais/files/12/48.pdf>
- Nechar, M. C., & Lozano, M. C. (2006). *Apuntes para la investigación turística*. Cozumel-Quintana Roo: Universidade de Quintana.
- Nechar, M. C., Noguero, F. T., & Gómez, F. J. G. (2010). Investigación y producción de conocimiento turístico en España y Europa. *Revista Turismo & Desenvolvimento*, 1(13/14), 363-371.
- Nechar, M. C., Panosso Netto, A. (2010). *Epistemología del turismo: estudios críticos*. México. Trillas.
- Noguero, Felix Tomillo. El concepto de turismo según la OMT. In: Nechar, M. C., & Panosso Netto, A. (2010). *Epistemología del turismo: estudios críticos*. México. Trillas.
- Ogilvie, F. W.. (1933). The Tourist Movement: an economic study.
- OMT. (2020) Organização Mundial do Turismo. Recuperado de: <https://www.unwto.org/glossary-tourism-terms>
- Panosso Netto, A. (2005). *Filosofia do Turismo: teoria e epistemologia*. São Paulo: Aleph.
- Panosso Netto, A., & Nechar, M. C. (2016). *Turismo: perspectiva crítica*. Textos reunidos. Triunfal Gráfica e Editora.
- Panosso Netto, A. Trigo, L. G. G. (2009) Cenários do turismo brasileiro. São Paulo: Aleph. (Série turismo)
- Piaget, J. (1950). Introduction à l'épistémologie génétique: La pensée physique. Paris: Fenixx.
- Rieger, S. (1879). Betrachtungen über Fremden-Verkehr und Alpen-Vereine in Oesterreich mit spez. *Berücksichtigung Kärntens*. Kleinmayr.
- Schütz, A. (1932). Der sinnhafte Aufbau der sozialen Welt: Eine Einleitung in die verstehende Soziologie. Springer-Verlag.

Sena Junior, O. B., & Sonaglio, K. E. (2017). Análise das contribuições, influências e relevância de Jafar Jafari para o estudo do turismo. *Revista Caribeña de Ciencias Sociales*, maio. Recuperado de: <https://www.eumed.net/rev/caribe/2017/05/jafar-jafari.html>

Sessa, A. (1985). La scienza dei sistemi per i piani regional di sviluppo turistico. In: Sessa, A. La scienza dei sistemi per lo sviluppo del turismo. Roma: Agnesotti, 53-107.

Spicker, F. (1976). Deutsche Wanderer-, Vagabunden-und Vagantenlyrik in den Jahren 1910 bis 1933: Wege zum Heil-Straßen der Flucht. de Gruyter.

Stradner, J. (1905). Der Fremdenverkehr: Eine volkswirtschaftliche Studie. Leykam.

Tribe, J. (1997). The indiscipline of tourism. *Annals of Tourism Research*, 24(3), 638–657.

Tribe, J. (2009). Philosophical issues in tourism. *Channel view publications*.

Trigo, L. G. G. (2021) Entrevista concedida às autoras, em 05 de fevereiro de 2021.

Urbain, J. D. (2002) L’idiot du voyage: histoires de tourists. Paris: Payot.

Veal, A. J. (2011). Metodologia de Pesquisa em Lazer e Turismo. São Paulo: Aleph.

Vieira, L. V. L. (2021) Entrevista concedida às autoras, em 18 de fevereiro de 2021.

Wada, E. K. (2020). Entrevista concedida às autoras, em 6 de novembro de 2020.

---

#### FORMATO PARA CITAÇÃO DESTE ARTIGO

Santos, L. O. S. & Crotti, M. S. R. (2023). Construção do conhecimento em turismo: um estudo preliminar com especialistas da área. *Revista de Turismo Contemporâneo*, 11(1), 127-149. <https://doi.org/10.21680/2357-8211.2023v11n1ID27308>

---